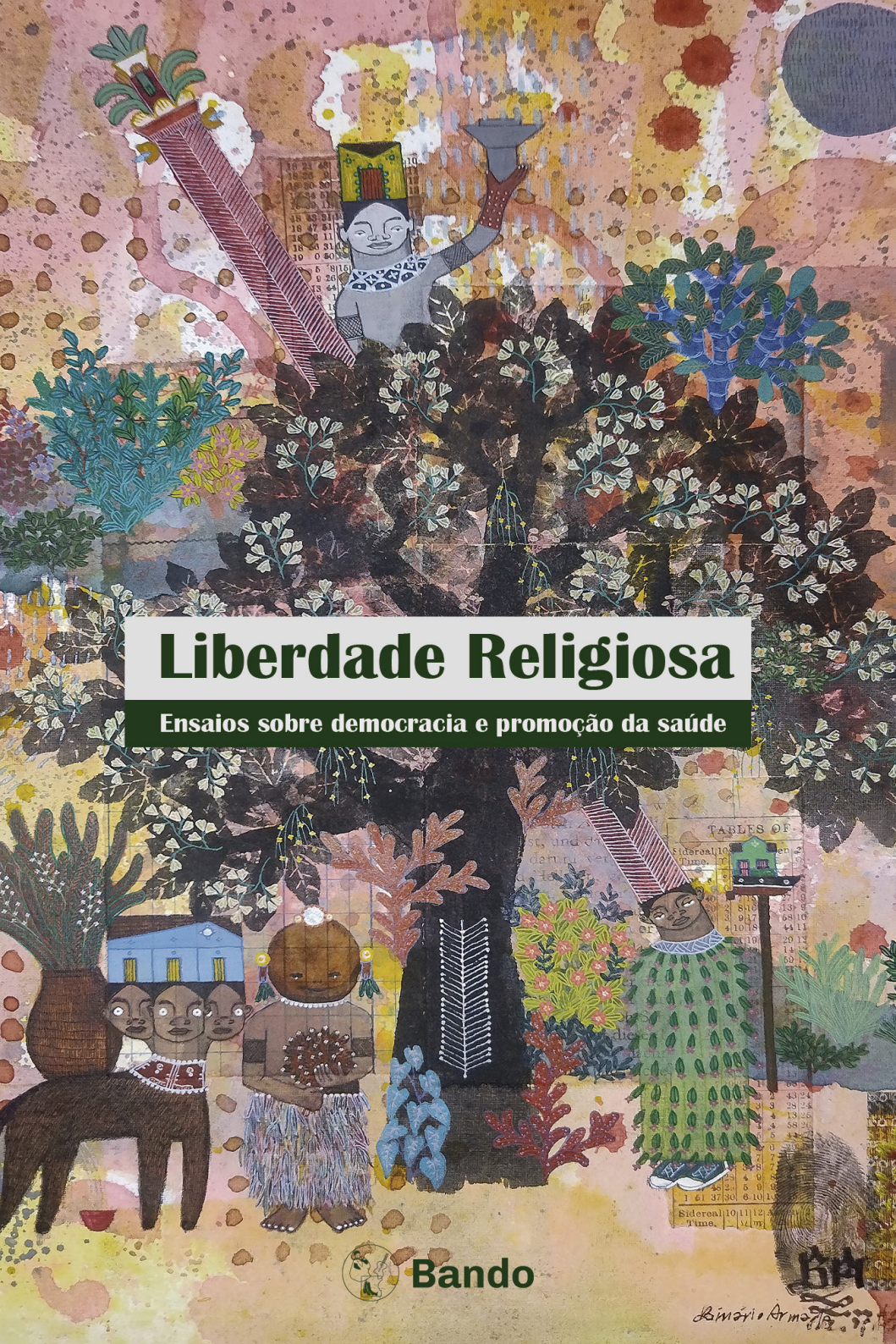


Liberdade Religiosa

Ensaios sobre democracia e promoção da saúde

Bando

[Pré-lançamento]

LIBERDADE RELIGIOSA:

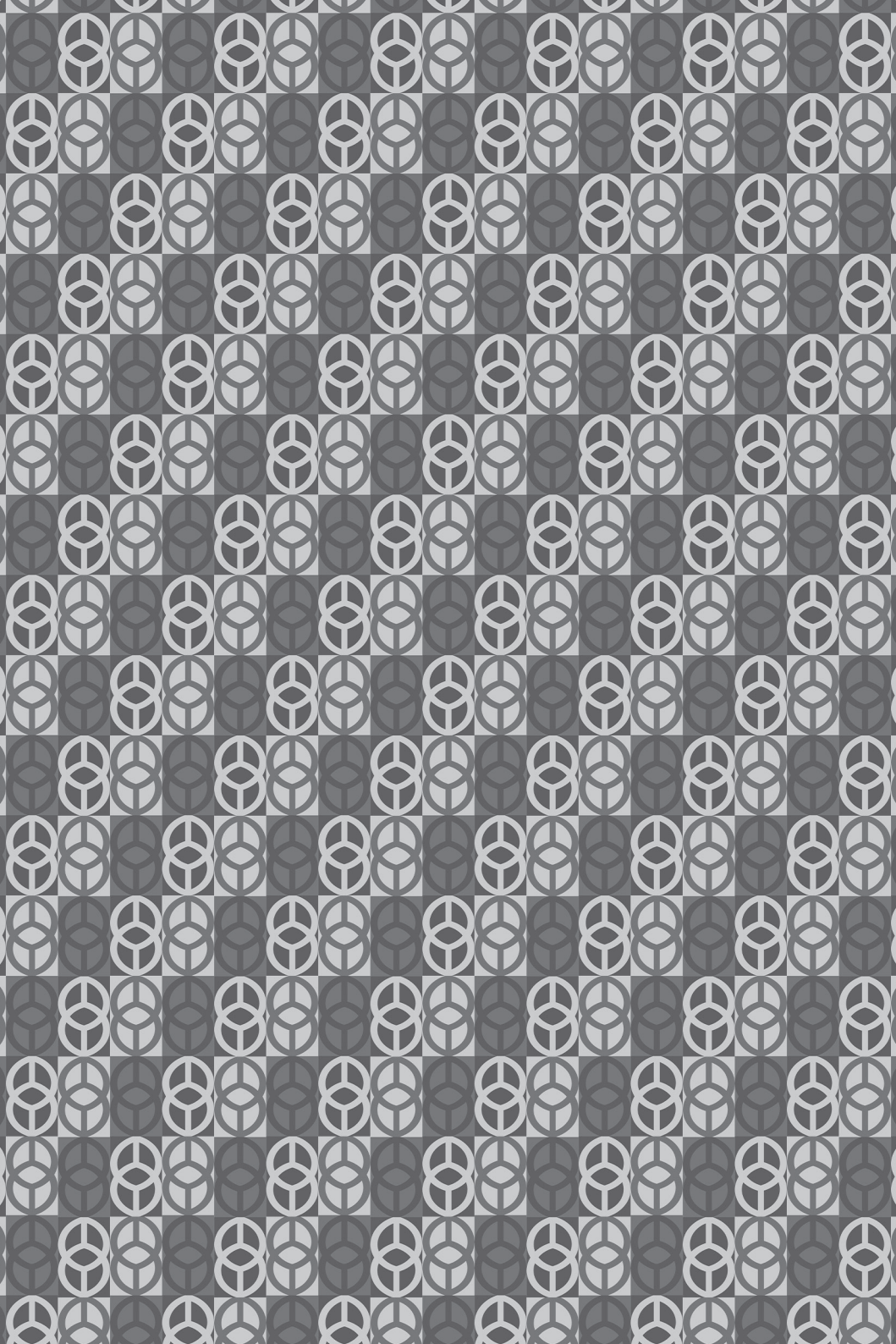
ENSAIOS SOBRE DEMOCRACIA E PROMOÇÃO DA SAÚDE

Bruno Cintra | Dani Ribeiro | Felipe Eugênio
Helena Theodoro | Iyá Wanda D'Omolu | Marina Iris
Maria Cristina Guilám | Mãe Laudiceia Silva
Odaraloya | Padre Gegê | Pai Dário de Ossain
Pai Marcelo de Xangô | Pastor Henrique Vieira
Pastor Wellington | Raquel Mattoso | Renata Souza
Ronilso Pacheco | Sheikh Adam Muhammad | Sonia Guajajara

Bando

LIBERDADE RELIGIOSA:

ENSAIOS SOBRE DEMOCRACIA E PROMOÇÃO DA SAÚDE



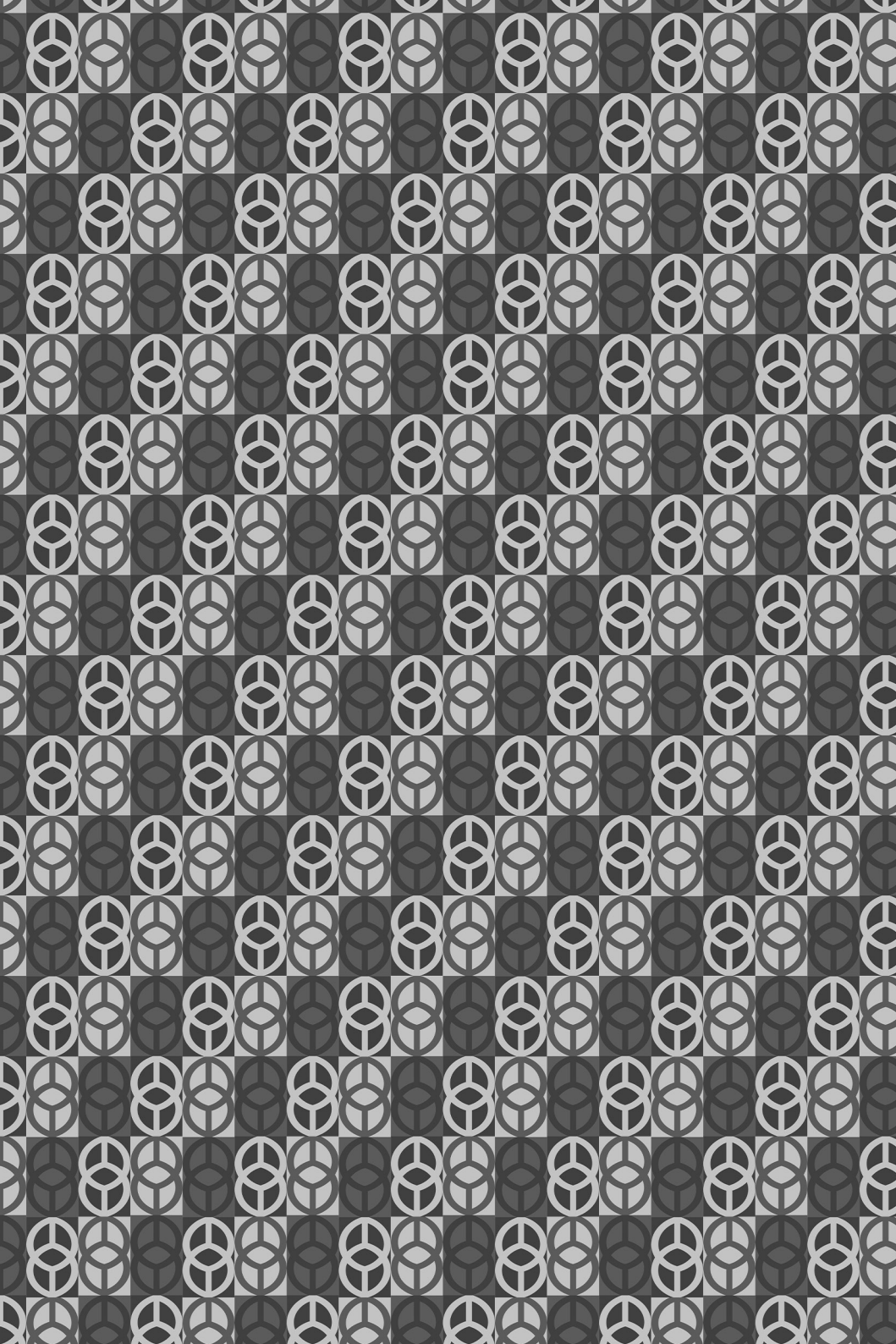
SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO DO PROJETO 7

SOBRE A PUBLICAÇÃO 11

FRAGMENTOS

Bruno Cintra 14
Dani Ribeiro 15
Felipe Eugênio.....16
Helena Theodoro 17
Iyá Wanda D'Omolu 18
Marina Iris 19
Maria Cristina Guilám 20
Mãe Laudiceia Silva 21
Odaraloya 22
Padre Gegê 23
Pai Dário de Ossain 24
Pai Marcelo de Xangô 25
Pastor Henrique Vieira 26
Pastor Wellington 27
Raquel Mattoso 28
Renata Souza 29
Ronilso Pacheco.....30
Sheikh Adam Muhammad 31
Sonia Guajajara 32



APRESENTAÇÃO DO PROJETO

O projeto *Saúde e garantia da diversidade religiosa no estado laico: estratégias literárias para formação cidadã* utiliza a literatura e a pesquisa-ação como ferramentas de promoção da saúde. Atuamos em periferias e favelas, combatendo a intolerância religiosa por meio de ações culturais, produção literária e diálogos críticos. Nosso objetivo é fortalecer direitos a partir de uma concepção ampliada de saúde, produzindo encontros, residência literária e publicações para a garantia da diversidade religiosa e promovendo territórios urbanos saudáveis. A literatura, enquanto expressão artística e instrumento de reflexão, atua como ponte entre os direitos constitucionais e a vivência cotidiana, em especial nos territórios socioambientalmente vulnerabilizados, ou seja nas periferias dos centros urbanos do país. São nesses territórios que a intolerância religiosa se manifesta de forma mais violenta. Ao promover debates e ações literárias com moradores de favelas, nossa intenção é criar espaços de escuta ativa e troca sobre questões que nos são caras para entender os determinantes sociais da saúde e a superação das iniquidades sociais. Como entender e lidar, no âmbito das políticas públicas de saúde, as relações de intolerância religiosa, bem estar comunitário e as diversas estratégias de resistência cultural praticadas nas periferias do Brasil? A produção de textos inéditos, tanto ficcionais

quanto ensaísticos, servirão como registro dessas vivências e conhecimentos, mas principalmente servirão para a circulação desses debates e práticas nos espaços de formação da nossa sociedade, contribuindo na bibliografia sobre a diversidade religiosa no estado brasileiro em escolas públicas, bibliotecas e plataformas digitais, democratizando o acesso a debates muitas vezes restritos a círculos acadêmicos.

Aqui é preciso reforçar o nosso entendimento do papel que as ações de promoção da saúde, têm no amplo processo que envolve justiça social, equidade e participação cidadã e que constitui o eixo central deste projeto. Buscamos contribuir no enfrentamento de um dos desafios mais urgentes das periferias urbanas brasileiras: a violência religiosa contra cultos de matriz africana, marcada por um profundo componente racial. Inspiramos-nos em metodologias da pesquisa-ação, onde o objetivo da investigação é intervir ativamente na realidade, a partir da literatura.

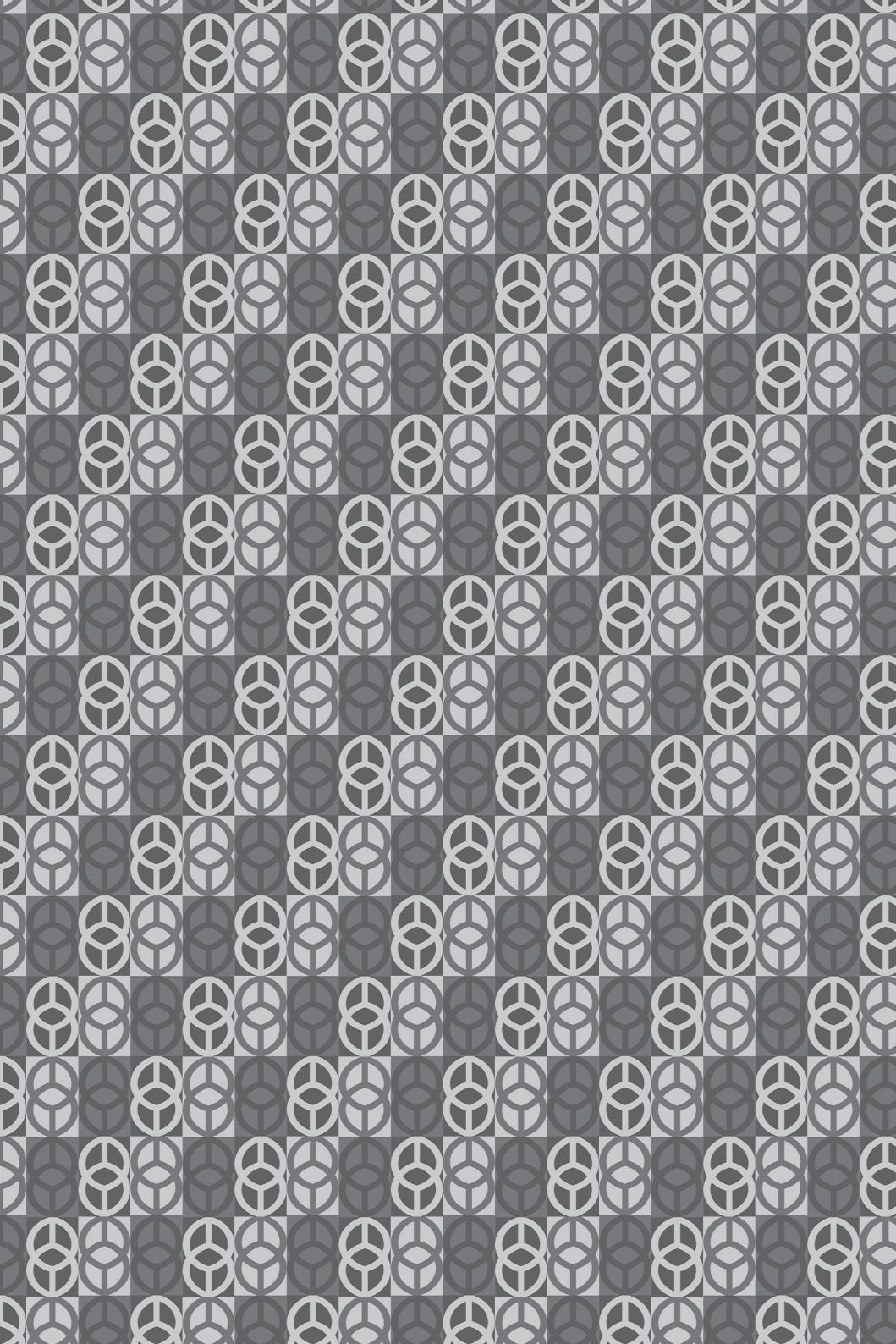
A literatura conforma-se como linguagem capaz de articular vivências pessoais e críticas estruturais, tornando-se um meio propício para enfrentar a contradição entre o que a lei garante e o que a realidade nega. Os encontros promovidos pelo projeto (seminário,oficinas, residência) constituem-se em espaços dialógicos onde especialistas, moradores de favelas e escritores periféricos co-criarão conhecimento sobre Estado laico e diversidade religiosa. A residência literária materializa o que Felipe Eugênio1[1] chama de "dispositivo democratizante": ao transformar o olhar de escritores periféricos e seus aprendizados sobre intolerância em ficções e análises críticas, os participantes não apenas documentam violações, mas também as ressignificam

[1] Editor, historiador, sanitarista e editor-fundador do Bando Editorial Favelofágico (2015). Pesquisador da Fiocruz, atualmente é conselheiro do Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL) e coordena a PBL (Periferia Brasileira de Letras).

artisticamente. Por fim, os livros. Com a sua circulação,os livros tornam-se em agentes móveis de transformação. Em oficinas realizadas em territórios periféricos, com a participação de autores, movimentos sociais e gestores públicos, as publicações servirão tanto como documentos jurídicos (em apoio à aplicação de leis como a 11.635/2007) quanto como sementes de futuros alternativos. Esse momento consolida a literatura como aquilo que a Fiocruz reconhece: força motriz para a cidadania, capaz de articular promoção da saúde (entendida como bem-estar psicossocial), justiça territorial e defesa intransigente do Estado laico.

Nas mãos de quem vive na pele a intolerância religiosa, a palavra escrita revela-se, afinal, um instrumento eficiente para o desenvolvimento da saúde coletiva. Assim, das oficinas locais às publicações que alcançarão o estado, o projeto opera em múltiplas escalas, demonstrando que a literatura das periferias — longe de ser explicada apenas por determinismos sociais — é, antes, uma poderosa interpretação das contradições brasileiras e, sobretudo, uma ferramenta para superá-las.

COORDENAÇÃO

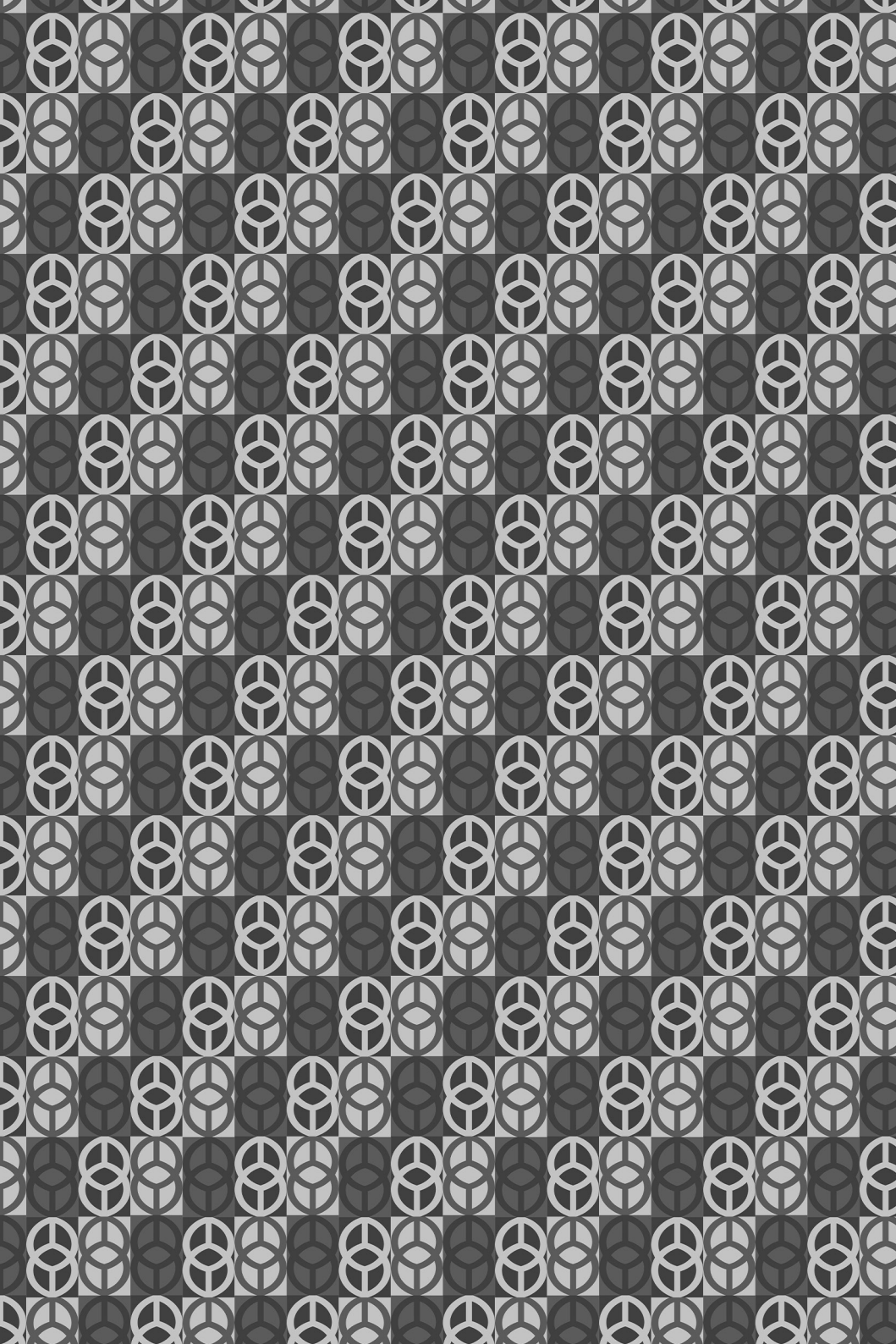


SOBRE A PUBLICAÇÃO

O seminário Liberdade religiosa em saúde e literatura representou um importante espaço de articulação entre saúde coletiva, cultura, território e diversidade religiosa, reafirmando a centralidade da liberdade religiosa como direito fundamental e dimensão indispensável da promoção da saúde. Realizado no âmbito do projeto Saúde e garantia da diversidade religiosa no Estado laico: estratégias literárias para formação cidadã, o encontro reuniu pesquisadores, profissionais da saúde, escritores, agentes culturais e moradores de territórios periféricos em torno da construção de um debate plural sobre intolerância religiosa, produção cultural e cidadania.

O livro Liberdade religiosa: ensaios sobre democracia e promoção da saúde, a ser publicado no final do ano, é fruto do seminário que reuniu Bruno Cintra, Dani Ribeiro, Felipe Eugênio, Helena Theodoro, Iyá Wanda D'Omolú, Marina Iris, Maria Cristina Guilám, Mãe Laudiceia Silva, Odaraloya, Padre Gegê, Pai Dário de Ossain, Pai Marcelo de Xangô, Pastor Henrique Vieira, Pastor Wellington, Raquel Mattoso, Renata Souza, Ronilso Pacheco, Sheikh Adam Muhammad, Sonia Guajajara Este livreto é apenas uma prévia, um pré-lançamento.

ORGANIZAÇÃO



FRAGMENTOS

Bruno Cintra

"Geralmente, quando você puxa uma intolerância, as outras podem vir junto com facilidade. Mas, ao tentar se desvencilhar do discurso da intolerância, você renova o elemento fundamental do não tolerar. Não lutamos contra a intolerância porque defendemos a tolerância – isso exigiria uma condescendência, uma relação de superioridade, o poder ser tolerado pelo outro e ainda agradecer. A luta contra a intolerância é uma luta pelo respeito, quiçá pelo amor, idealmente. Em 1890, o Brasil tornou-se República e o Estado laico foi decretado. No entanto, no Código Penal daquele mesmo ano, criminalizam-se práticas espíritas, feitiçaria e sortilégios. Laiciza-se a opressão, tratando a tradição de matriz africana como superstição. Se o Estado condena essa tradição, devo assumir a posição de luta pela dignidade."

Historiador, jurista, professor, ativista social, integrante da diretoria da Associação Scholem Aleichem, formado pela PUC-RJ.

Dani Ribeiro

"Eu acredito muito na arte como antecipação de muitos quadros de adoecimento – e por isso ela é tão perigosa para algumas pessoas. O fazer artístico, qualquer manifestação da arte, é perigoso porque, quando você dança, não há nada mandando no seu corpo, nada te segurando. A arte é um lugar de prática dentro da educação, dentro dos trabalhos que faço, uma antecipação. A partir do momento em que a vida de santo me reencontrou com isso, comecei a usar os símbolos e os signos das crianças, transpondo-os para os espaços sagrados e educativos. Exu, por exemplo, é amigaço do Saci Pererê. Contei isso para as crianças e tive muitas respostas positivas das famílias. Eu quero explicar para vocês aqui essa logo do projeto que é muito importante para a gente, é um símbolo Adinkra, Nyansapo, é um símbolo que é o nó da sabedoria, é o nó da inteligência e da engenhosidade. Ele fala sobre pessoas capazes de usar o conhecimento de forma profunda e estratégica."

Escritora, artista plástica, Ekede e coordenadora do projeto "Liberdade Religiosa em Saúde e Literatura".

Felipe Eugênio

"A literatura tem uma outra possibilidade: ela permite que você, leitor, a partir de um bom texto, acesse a experiência da alteridade. Permite que eu, homem cis, negro, lendo o texto de uma mulher branca, acesse sensações, possibilidades que não fazem parte da minha vivência – e talvez nem no audiovisual eu conseguisse isso de modo tão profundo. A literatura toca o sensível da narrativa ficcional do outro, do diferente. Nós apostamos que este projeto, com sua residência literária, produzirá obras capazes de acessar uma filigrana de experiências – as da luta pela liberdade religiosa – que os textos sociológicos, por mais rigorosos, nem sempre nos comove como a literatura consegue. E aí nós estamos falando aqui da saúde, pensando na saúde como uma constatação positiva dessa vida, ela é constituída por setores como moradia de qualidade, educação de qualidade, segurança pública de qualidade. A saúde é constituída também por acesso, não só à cultura, mas à produção de cultura. Como se dá, como poderia se dá a diversidade religiosa de fato nesse país. Eu concluo dizendo assim: por que literatura?"

Editor, historiador, sanitarista e editor-fundador do Bando Editorial Favelofágico (2015). Pesquisador da Fiocruz, atualmente é conselheiro do Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL) e coordena a PBL (Periferia Brasileira de Letras).

Helena Theodoro

"Nos meus quase 83 anos, vejo a grande importância de pensar na ideologia do Axé e na pedagogia do Axé. Nós temos um Orí e um Ìpòri, temos histórias dos nossos ancestrais que não começam no momento em que nascemos, trazemos heranças dos nossos pais, dos nossos avós, das nossas bisavós, das nossas tataravós. Temos que atravessar o Atlântico e entender como existimos, como somos ricos, criativos e capazes de transformar as coisas. Meu livro, 'O negro no espelho', escrito há 41 anos e só agora publicado, é a primeira tese de doutorado sobre filosofia negra comparada com o pensamento judaico-cristão, estabelecendo uma linha de divisão no mundo: o Hemisfério Norte – a Europa – é o lugar da civilização, da moral, da ciência; o Hemisfério Sul – onde estamos, a África – é o espaço do imoral, da bestialidade, do feitiço, da criminalidade. Até hoje, essas ideias predominam. Nós podemos ser amassados, maltratados como uma folha de papel – e ainda assim podemos esticá-la e escrever sobre ela. A comunidade-terreiro nos dá essa visão da energia de vida, do Axé. A gente não rejeita as nossas origens, sejam sudanesas, guineanas ou bantas. A nossa força é tão grande que temos as escolas de samba, que amalgamaram a procissão católica e mostraram como a comunidade negra é criativa, potente, capaz de fazer o maior espetáculo do mundo."

Doutora em Filosofia e pós-doutora em História Comparada, é autora de diversos livros. 'O negro no espelho' (Letra Capital, 2026) é um marco do pensamento afro-latino-americano.

Iyá Wanda D'Omolú

"Sou uma mulher de Omolú e eu digo que é filosofia pura. Sou mochileira, então eu vou andando, vou ouvindo, vou aprendendo todos os dias, que isso é uma outra coisa também que eu aprendi dentro do candomblé, que você nunca sabe tudo, que você vai viver sempre aprendendo. Então seguimos nós, vamos aprendendo. Ser de matriz africana, ser evangélica, ser da umbanda, ser muçulmana – nós não somos iguais, somos diferentes. Precisamos reforçar a importância da palavra diversidade e da palavra respeito. O fato de nós, de terreiro, termos ficado atrás dos muros não significa que estávamos parados. Trabalhávamos muito, porque ser de terreiro é viver em dois mundos: o lado de dentro e o lado de fora, que não nos trata bem. Hoje, luto para que a gente conviva com as diferenças. Minha expressão vem de três lugares: minha família biológica – minha avó analfabeta, lavadeira, que me ensinou a escuta e a solidariedade; minha família de axé – onde aprendi a administrar o conflito e a importância do acolhimento; e o movimento negro – onde aprendi a dizer quem sou em outra linguagem, para a comunidade branca."

Ialorixá responsável pelo YIê Asè Egi Omim, jornalista e educadora social.

Marina Iris

"A intolerância que chutou a santa
e queimou terreiros
Santa ignorância que remete
aos tempos lá do cativeiro
Em nome de qual senhor
se esculacha o morador?
Que na sexta-feira veste branco?
Esse é o meu povo de santo,
sob as leis do opressor
Mas, por favor, respeitem meu alguidar
Respeitem o povo de santo,
que eu respeito o seu altar"[2]

"O samba foi preservado, cultivado, protegido dentro do terreiro, veio da Bahia e preservado no Rio de Janeiro dentro dos terreiros, por mulheres, especialmente mulheres. Eu, como sambista, tenho essa responsabilidade: não apenas propagar, mas denunciar, educar, tirar o estigma das religiões de matriz africana. A música tem o poder de denunciar e de curar. Então, o que eu faço hoje é samba."

Sambista, cantora, compositora e escritora.

[2] Música Povo de Santo, de João Martins e Luciano Bom Cabelo.

Maria Cristina Guilám

"O fascismo acontece como a desumanização do outro: o negro, o homossexual, o judeu, o palestino, o iraniano vão sendo desumanizados até o momento em que se possa exterminá-los. Precisamos de sabedoria para escolher o futuro, que a gente tenha amor no coração de verdade. Eu cresci numa casa em que se respeita a liberdade. Meu pai, que era judeu, era extremamente amigo de diversos árabes e palestinos; ele nos ensinou esse amor, essa possibilidade de que há lugar no mundo para todo mundo. Que a gente tenha sabedoria para escolher o futuro, que a gente tenha amor no coração de verdade."

Médica, doutora em saúde coletiva e assessora da Vice-presidente de Educação, Informação e Comunicação da Fiocruz Drª Marly Cruz.

Mãe Laudiceia Silva

"É de coração e porque acredito no afeto. O que é ser Mãe de Santo, neste país? Esse tema é sempre um tema que me leva a tecer diferentes reflexões porque nós temos o viés político ideológico e o viés enquanto pessoa e uma delas será meu olhar como mãe de santo. Ter um terreiro, uma casa de santo, um Ilê e estar à frente não é fácil. Não é fácil ter ou buscar o discernimento, buscar cuidado e cuidar, já que nossos cultos são cultos de cuidado. E esse culto não segrega, o nosso culto é um culto que agrega, que acolhe. É por meio da educação que vamos conseguir transformar espalhar envolver mentes e corações para um território brasileiro mais justo, para um território brasileiro que abrigue de fato a equidade em seu sentido amplo. Eu, enquanto zeladora umbandista neste país, não me sinto completa, não me sinto amparada pela legislação brasileira dentro dos temas da liberdade religiosa e do racismo religioso. Eu quero a liberdade do meu espaço de culto. Sinalizo, portanto, a importância do diálogo e das ações que promovam respeito, liberdade e diversidade religiosa para que de fato celebremos a liberdade."

Mulher preta e periférica, cientista social, mestre em Psicologia Social. É idealizadora do Coletivo Awon Eroja, membro do Fórum de Mulheres Negras/RJ, membro executivo do Coletivo Terreiro dos Povos, coordenadora do ICMU/RJ e zeladora umbandista.

Odaraloya

"Eu me chamo Odaraloya, iniciada por Iya Paulinha de Oyá e descendemos da família de àse Gantois. A militância de nossa Ẹgbẹ vem de Mãe Menininha do Gantois, que começou a tomar notoriedade por volta de 1930, 1940 contra as batidas policiais. Eram confiscados itens religiosos extremamente sagrados, lideranças religiosas eram presas. Ao parar para pensar que Mãe Menininha começou a tomar notoriedade por volta de 1930 e que hoje a gente ainda precisa reproduzir praticamente os mesmos atos. A gente precisa ainda pensar em mais estratégias de manutenção, de sobrevivência. Eu costumo reproduzir uma fala de Marimba Ani que é: "A nossa cultura é o nosso sistema imunológico" e os nossos Terreiros são os nossos locais de cura. A gente anda com fé. E com fé a gente consegue construir política pública, consegue pensar em novas estratégias de manutenção pro nosso povo continuar reproduzindo tudo que é de mais sagrado que a gente faz, que é a nossa sabedoria ancestral. É a medicina, é a cura e é o sustento de toda uma comunidade, não só da comunidade de Axé."

Fundadora do Observatório de Povos de Terreiro, jurista, pesquisadora, atua na defesa dos direitos humanos e no combate ao racismo religioso.

Padre Gegê

"O diálogo não se dá simplesmente no falar. O mero falar é o fim, é a ausência do diálogo. A igreja falou demais – todas as igrejas, nós cristãos já falamos demais. Agora é hora de ouvir, sobretudo os terreiros. Ouvir os sambas-enredo. O Brasil é povo de encruza, povo de encruzilhada, e não há como separar. Resta levar isso a sério até às últimas consequências. O cardeal Ratzinger – que depois se tornou papa Bento XVI – disse algo bonito: o diálogo só se dá quando ocorrem o falar e o ouvir. No ouvir, realiza-se o encontro. Ouvir significa conhecer e reconhecer o outro, deixá-lo penetrar no espaço do próprio eu. No final desse encontro, já não sou o mesmo, porque fui fundido no ser do outro e no ser do mundo. Houve uma fusão, uma comunhão. Enquanto padre, o meu movimento de ouvir Exu, Pomba-Gira, ele se ancora no que Jesus diz do amar, e eu não acredito verdadeiramente que exista agora o diálogo inter-religioso para nós cristãos, católicos, em especial, aqui no Brasil. Ele requer de nós ouvir, saber dos terreiros, como agora não lembra-se da Tuiuti? 'Iboru, Iboya, Ibosheshe, canta Tuiuti!'"

Pároco da Paróquia Santa Bernadete (Higienópolis/Manguinhos), doutor em Ciência da Religião e militante antirracista.

Pai Dário de Ossain

"Se o padre Gegê chega de batina, a recepção é uma. Se você chega com a Bíblia debaixo do braço, a recepção é outra. Mas se eu chego de guia, fio de contas, com o ojá – acabou. Já não é a mesma coisa. Estamos falando de um estado onde uma criança de cinco anos entrega uma flor amarela à professora, dizendo que aquela flor é de Oxum, e a professora joga a flor no chão, pisa e diz: "Isso é do demônio!" Essa criança só passa a conhecer o demônio a partir da frase da professora – porque, no terreiro, a gente não conhece o demônio; a gente fala de Exu, Oxalá, Iemanjá, Oxóssi. Quando circulamos com as religiões de matriz africana em lugares onde o poder público não chega, precisamos, de fato, construir políticas públicas para avançar. Se existisse um Deus da religião de matriz africana para Fiocruz, seria Ossain. Liberdade religiosa é você poder dialogar com os seus e se sentir à vontade para estar em um lugar de conforto."

Babalorixá do Ilẹ̀ Àṣẹ Onísègùn, jongueiro, educador, articulador cultural e gay.

Pai Marcelo de Xangô

"O ato de liberdade, por si só, é você reconhecer a sua raiz. Eu acho que pra gente falar de liberdade, primeiro a gente tem que reconhecer da onde a gente veio. Qual é a nossa raiz? Qual o nosso entendimento, qual o nosso pertencimento? Reafirmar as nossas histórias, reafirmar as histórias que nos dão identidade. A crença se expressa em três pilares: identidade, liberdade e resistência. O ato de liberdade, por si só, é reconhecer a sua raiz. Para falar de liberdade, primeiro é preciso reconhecer de onde viemos: nossa raiz, nosso entendimento, nosso pertencimento, reafirmar nossas histórias. É isso que nos dá identidade. A resistência é manter viva a tradição diante das tentativas de apagamento – sobretudo das religiões de matriz africana. Isso implica ocupar os espaços. O Instituto Carta Magna da Umbanda promove encontros nacionais e dá protagonismo à juventude de terreiro. Estamos construindo a primeira conferência de liberdade religiosa em Magé, após um ano e meio de luta para aprovar uma lei. São exemplos de que não podemos desistir. Precisamos da convivência entre os pares e da laicidade do Estado."

Umbandista, dirigente espiritual do Centro Espírita Pai Joaquim de Angola e Vovó Catarina da Bahia e presidente nacional do Instituto Cultural Carta Magna da Umbanda.

Pastor Henrique Vieira

"O racismo opera tanto na indiferença quanto numa espécie de gozo diante do sofrimento do outro: isso é a perda completa da vida. Acontece cotidianamente quando o processo gera o apagamento objetivo. Antes e depois da morte da vida, não há que se falar mais em saúde. Existe a morte em vida: viver despotencializado, sob tensão, hipervigilância, medo. Essa morte em vida é o contrário do que afirmamos aqui como saúde. Diante de um ambiente de hostilidade, quanto isso repercute em ansiedade, tensão corporal e baixa autoestima? A resposta depende do seu endereço, da sua cor, da sua orientação sexual, da sua confissão religiosa. O que significa, para uma criança de terreiro, entrar numa sala de aula com um crucifixo? E o que significa, para a mesma criança, entrar com as suas guias? O quanto esse ambiente pode gerar mecanismos no corpo – no batimento cardíaco, na respiração? Pensando saúde como algo integral, como afirmação das possibilidades e das potencialidades da vida, saúde, pelo que entendo, é muito mais do que não adoecer ou adoecendo ter os meios para promoção do cuidado, da cura, do restabelecimento. Podemos e devemos pensar saúde como algo mais integral, amplo e que tem a ver com possibilidades e potencialidades da vida como algo positivo. Se saúde é um conceito amplo, integral, positivo, afirmativo, pega a possibilidade, a potencialidade da vida e vai, desenvolve a si."

Teólogo, ator, poeta, historiador, cientista social e deputado federal eleito pelo PSOL/RJ.

Pastor Wellington

"O desrespeito e o racismo religioso no Brasil não começaram com o bolsonarismo. A violência contra as religiões de matriz africana não é um fenômeno dos anos 1980 para cá; é um câncer que acompanha a história da religiosidade do nosso país. Nós, o povo que nasceu pobre – porque, olhando esta mesa, ninguém aqui é herdeiro –, não temos outra opção senão continuar lutando, insistindo. A máquina de morte que está lá fora, se pudesse, faria o que aconteceu em 8 de janeiro. Mais do que nunca, precisamos compreender que há um projeto intencional de colocar pretos, pobres, periféricos de terreiro contra pretos, pobres, periféricos pentecostais, deixando que se matem. Mas os pretos pobres de terreiro nunca tocaram fogo, nunca apedrejaram, nunca metralharam nenhuma igreja pentecostal. Então é preciso que todos nós estejamos de mãos dadas, porque lutar por um Estado laico é lutar por respeito e denunciar todo tipo de violência e racismo religioso, não é uma opção. É uma missão urgente e necessária que nós possamos seguir resistindo porque se o ano passado eu morri, esse ano e ano que vem e no outro ano, só de raiva, a gente vai viver."

Pastor, teólogo e escritor.

Raquel Mattoso

"Para combater o racismo religioso, só há um caminho: a experiência – entendendo o amor do outro pela fé que ele professa, pelo cuidado que ele tem com a sua própria história. Se a sua fé não é uma prática diária, talvez haja algo errado. Se não é empática, sensível à dor, à vivência e às alegrias do outro, talvez haja algo errado. E, se só você está certo, também talvez haja algo errado. Fui criada com chá, ervas, rezas. Meu pai era feiticeiro, palhaço de Folia de Reis; quando se converteu, as mulheres da família disseram: 'Você vai continuar fazendo a reza contra piolho, Sim!'. Em 2017, conheci o movimento negro evangélico e descobri que a minha história é bela. Olímpio de Sant'Ana, Joaquim Beato – homens evangélicos e muitos outros que lutaram por uma constituição laica. A minha fé não pode ser usada para oprimir o terreiro da minha irmã. E eu, que fui militante das cotas raciais desde 2001, e participei, e fiz parte da primeira turma de cotas da UERJ, sou a herdeira de uma luta coletiva que não tinha placa de denominação e nem de religião. Eu passava todo dia 20 dentro de uma cerimônia de candomblé ou católica, porque a minha própria religião não comemorava o dia 20. Hoje em dia o Movimento Negro Evangélico sempre celebra o Dia da Consciência Negra junto com igrejas amigas e eu me sinto em casa."

Mestranda em História Social no Programa de Pós-Graduação em História Social (PPGHS) da Faculdade de Formação de Professores (FFP/UERJ). Integrante da Coordenação Nacional do Movimento Negro Evangélico e articuladora regional do Programa Martin Luther King Jr.

Renata Souza

"Quantas crianças, ao entregar uma simples flor à professora, ouvem que aquilo é 'coisa do demônio'? Quantas deixam de querer voltar à escola porque o próprio nome – herança de sua ancestralidade – vira motivo de chacota entre os colegas? A violência do racismo religioso começa cedo, e começa dentro das salas de aula. Mas não para aí. Já atendemos mulheres em tratamento de câncer que tiveram seus objetos de fé jogados no lixo dentro de hospitais. Já vimos mães sendo ameaçadas de perder a guarda dos filhos porque os iniciaram no candomblé. Em cada um desses casos, o que falta é acolhimento institucional – porque as delegacias não registram como racismo religioso, os conselhos tutelares são compostos majoritariamente por pessoas de uma única denominação, e as escolas não têm preparo para lidar com a diversidade. Não se trata de intolerância isolada: é um sistema que desumaniza, que faz certas vidas e certas crenças valerem menos. E é contra esse sistema que precisamos, de fato, construir políticas públicas."

Deputada estadual mais votada da história da Alerj. Escritora e doutora em Comunicação e Cultura pela UFRJ. Autora da lei que institui o Abril Verde, mês dedicado ao combate do racismo religioso.

Ronilso Pacheco

"Todas as grandes revoluções marcadas pela comunidade negra global são atravessadas pela religião. Se fôssemos apontar uma característica da espiritualidade negra, ela não seria a doutrina, a confessionalidade, a ortodoxia; a marca comum é a insurgência e o desejo pela liberdade. Isso faz com que a teologia negra sustente uma base significativa para o diálogo inter-religioso, para uma espiritualidade mais inclusiva. O nacionalismo religioso tornou-se uma ameaça à democracia em países que eram referência de Estados democráticos: Estados Unidos, Israel, Hungria, Índia e Brasil. Em grande parte, essa ameaça surge como novidade porque o campo progressista custou a reconhecer a capacidade de mobilização que a religião possui – seja para fortalecer a democracia, seja, no limite, para promover a eliminação do outro. Aliás, negar o papel da religião, a existência, sua função, sua influência, negar o papel da religião na estrutura e no funcionamento da sociedade brasileira é um dos grandes fracassos das iniciativas e dos esforços ainda do campo da esquerda, do campo progressista, do campo da defesa dos direitos humanos, de isolar esse contexto e essa realidade como uma contribuição importante."

Teólogo, pastor e mestre em religião e sociedade pela Universidade Columbia.

Sheikh Adam Muhammad

"Deus diz no Alcorão sagrado: "Ó humanos, nós vos criamos a partir de um homem – vosso pai Adão – e de uma mulher – vossa mãe Eva. Vossa descendência é uma só. Que ninguém se ostente sobre o outro por causa da descendência. E vos dividimos em povos e tribos para que uns conheçam os outros, não para que se ostentem uns sobre os outros." Neste versículo, encontramos a tolerância e o respeito que cada um deve demonstrar ao seu diferente. Não olhe para o seu próximo como inimigo por causa da crença. O orientalismo construiu a ideia de um Ocidente civilizado e um Oriente bárbaro. Para evitá-lo, é preciso evitar generalizações (o Oriente não é um bloco único), reconhecer a diversidade, consumir perspectivas locais, questionar o exotismo, estudar o contexto histórico, evitar linguagem colonial e desconstruir a suposição de superioridade. O muçulmano não é o terrorista."

Representante da Sociedade Beneficente Muçulmana do Rio de Janeiro e uma das principais lideranças da comunidade muçulmana no Rio de Janeiro, figura central no diálogo inter-religioso no estado.

Sonia Guajajara

"A cosmogonia do povo Tentehar, também conhecido como povo Guajajara, nos ensina que a vida não está separada do sagrado. Para nós, a espiritualidade não acontece apenas em um templo ou em um momento específico. Ela está presente na relação com a terra, com a floresta, com as águas, com os animais, com os encantados, com os ancestrais e com tudo aquilo que sustenta a vida. Na nossa forma de compreender o mundo, a natureza não é vista como recurso a ser explorado, mas como um conjunto de existências vivas, habitadas por forças, espíritos e guardiões. Há os donos da floresta, das águas, das caças, das árvores, da noite. Isso significa que o ser humano não pode agir como proprietário absoluto da natureza. Ele precisa pedir licença, respeitar limites, observar os tempos e compreender que toda retirada exige responsabilidade e reciprocidade."

Trecho da entrevista concedida pela primeira Ministra dos Povos Indígenas do Brasil e deputada federal pelo PSOL/SP.

© Bando Editorial Favelofágico, 2026

Coordenação geral do projeto:
Danielle Pena

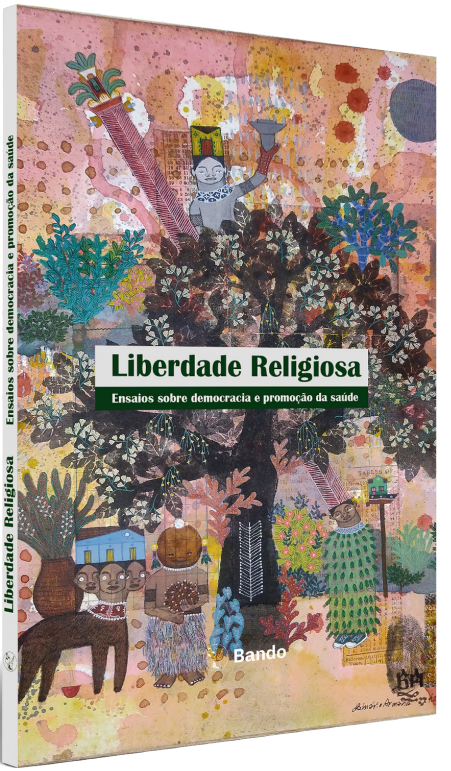
Corpo editorial:
Diego Barboza, Flora Tarumim e Rafael Maieiro

Projeto gráfico, diagramação e capa:
Bil-Rait "Buchecha"

Arte original da capa:
"O Sonho e a Árvore dos Ancestrais" (2024) de Binário Armada. Técnica mista sobre cartão telado 24x30 cm



Bando



Lançamento do livro
no Alfa Bar
29/OUT
18h

Rua do Mercado, 34/Boulevard Olímpico